

A CRISE DA CRISE DO MARXISMO

Primeros
voos



introdução a um debate contemporâneo

perry anderson

2.^a
edição

brasiliense
B

PERRY ANDERSON

**A CRISE DA CRISE
DO MARXISMO**

Introdução a um debate contemporâneo

**Editora Brasiliense
1985**

Copyright © Perry Anderson, 1983. Publicado por Verso Editions, Londres.

Título original: *In the Tracks of Historical Materialism*.

Copyright © da tradução: Editora Brasiliense S.A.

Tradução:

Denise Bottmann

Capa:

Alfredo Aquino

Revisão técnica:

Emir Sader

Revisão:

Conceição A. Gabriel

1ª edição 1984

2ª edição 1985

Editora Brasiliense S.A. R. General Jardim, 160 01223 –
São Paulo – SP Fone (011) 231-1422

ÍNDICE

Prefácio	7
Predição e desempenho	11
Estrutura e sujeito	37
Natureza e História	65
Post-scriptum	99

Nota sobre a numeração das páginas: os números indicados à direita no corpo do texto referem-se à numeração da página colocada no topo da página do livro em brochura.

PREFÁCIO

O texto deste pequeno livro exige uma explicação. Quando o Programa de Teoria Crítica da Universidade da Califórnia em Irvine convidou-me a dar três palestras dentro de uma série associada à Biblioteca Wellek, escolhi discutir apenas a situação contemporânea dessa teoria. Como nos meados dos anos 70 eu já havia tentado fazer um esboço da evolução do marxismo na Europa Ocidental a partir da Primeira Guerra Mundial, oferecendo algumas predições quanto a suas prováveis direções futuras, pareceu-me oportuno passar em revista os desenvolvimentos intelectuais ocorridos desde então e verificar como haviam se comportado minhas conjeturas anteriores. O resultado não é propriamente uma continuação de *Considerations on Western Marxism*. Isso deve-se em parte ao fato de que o período tratado é muito curto – na verdade, apenas uma década. Tal intervalo não permite o tipo de retrospectiva bem estabelecida tal como é

possibilitada por meio século de história. As proporções e relações, a partir de uma distância tão exígua, estão sempre sujeitas a reduções – com as conseqüentes distorções. A forma das análises aqui apresentadas também difere do texto anterior. Apresentadas oral ente como palestras, numa estrutura acadêmica, elas empregam

8

um tratamento mais informal do que o de um texto destinado originalmente a publicação, incluindo o uso mais freqüente do pronome pessoal. Pareceu artificial alterá-lo depois da ocasião; mas continua sendo algo a ser desculpado. Outra particularidade do texto, como se verá, é a conformação inicial do tema, introduzido sob a rubrica de notas gerais sobre a noção mesma de “teoria crítica” e suas ambigüidades.

Pode-se notar outra divergência em relação às linhas do estudo anterior. Nessa ocasião, não seria possível um exame dos desenvolvimentos recentes dentro do marxismo sem levar em consideração desenvolvimentos filosóficos simultâneos fora dele, na medida em que afetaram, ou pareceram afetar, o seu destino. Por

essa razão, a segunda palestra é amplamente dedicada a uma discussão sobre o estruturalismo e o pós-estruturalismo franceses. Aqui minhas dívidas são duplas. Devo a inspiração geral para meu tratamento dessa área a Sebastiano Timpanaro, cuja combinação de erudição crítica e energia política é um exemplo para todos os socialistas da minha geração. Para reflexões mais locais, devo muito a Peter Dews. Seu próximo livro sobre o tema, *A Critique of French Philosophical Modernism*, incomparavelmente mais amplo em alcance e mais fino em textura, está redigido com uma autoridade e uma afinidade que não possuo: seu surgimento em breve tornará estas páginas mais ou menos obsoletas. Elas terão servido a seu propósito se de algum modo prepararem o caminho para ele, ainda que num registro um pouco discordante.

Para dar um fecho às palestras, incluí um pós-escrito que levanta uns poucos problemas não diretamente mencionados nelas – essencialmente assuntos que concernem à relação entre marxismo e socialismo. No conjunto, o livro tenta rastrear os movimentos do materialismo histórico nos anos passados, e que tomam mais de uma direção. Os resultados são necessariamente uma interpretação

apenas provisória. Como tal, sua intenção é simplesmente fornecer um guia grosseiro de algumas das mudanças no ambiente intelectual na passagem dos anos 70 para os anos 80. Sinto-me lisonjeado que apareçam em uma série vinculada ao nome de René Wellek, decano de literatura comparada e mestre da própria história do criticismo. Seu fluente internaciona-

9

lismo intelectual e sua empenhada defesa dos padrões clássicos de argumentação e avaliação racionais deveriam inspirar a admiração de todos os adeptos dos valores do marxismo – um corpo de pensamento distante do seu. E o que sempre suscitam em mim. No final das *Discriminations*, Wellek ofereceu aos seus leitores “A Map of Contemporary Criticism in Europe”. É algo semelhante que se tenta aqui, em relação ao materialismo histórico na América do Norte e na Europa Ocidental. Gostaria de agradecer especialmente a Frank e Melissa Lentricchia, Mark Poster e Jon Wiener pela oportunidade dessa tentativa e pelo calor de sua hospitalidade em Irvine.

PREDIÇÃO E DESEMPENHO

A expressão “teoria crítica”, que nos traz aqui esta noite, contém suas próprias ambigüidades particulares, ainda que produtivas. Em primeiro lugar, teoria de quê? Os usos oscilam entre dois pólos principais: de literatura, mais familiar, como nos recordam o nome e a coleção a que prestamos homenagem. Mas também da sociedade, como a existente numa tradição menos difundida, porém mais polêmica e aguda. Nesta segunda versão, as duas palavras que compõem a fórmula freqüentemente adquirem letras maiúsculas, como a marca de sua distância diacrítica em relação à primeira. O outro componente da expressão levanta questões semelhantes. Que espécie de crítica está sendo teorizada? A partir de que base, e sobre que princípios? Aqui está em jogo uma vasta ordem de posturas possíveis, como essa própria série, com seu catolicismo, mostra claramente. Na prática, a própria diversidade de posições dentro da crítica literária, com os

resultantes atritos e colisões entre elas, sempre tendeu a entrelaçar o literário e o social, como sabem os leitores de *History of Criticism*, de René Wellek. A conexão obrigatória entre ambos é freqüentemente atestada inclusive por aqueles que repudiaram do modo mais extenuante a noção mesma de “teoria”. Crítica da literatura,

12

proclamou afinal Leavis, é “crítica da vida”. Esse movimento involuntário, seja declarado ou sugerido, do literário para o social não tem sido revertido, de forma tão generalizada, num movimento do social para o literário. Não é difícil buscar as razões. Pois a crítica literária, seja “prática” ou “teórica”, é tipicamente isso, *crítica* – sendo que seu irreprimível impulso *avaliador* tende espontaneamente a transgredir as fronteiras do texto, em direção à vida associada fora dele. A teoria social como tal paradoxalmente carece de semelhante função de discriminação, estabelecida dentro de si. É um exemplo disponível à corrente principal da teoria da ação que por tanto tempo dominou a sociologia norte-americana. Enquanto a maioria das teorias literárias propõe, direta ou obliquamente, algum discurso sobre a sociedade, são relativamente escassas as teorias sociais que

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

